

ANEXOS



ANEXO I

ENTREVISTA A GINA SANTOS

Como é que começou o Grupo Dramático Lisbonense?

Foi em 49 que se começou a fazer o grupo, na Academia de Amadores de Música. Chamava-se Grupo Dramático Lisbonense. Foi em 1950 que nós fazíamos espectáculos com o coro do Lopes-Graça. Juntos. O coro cantava e nós representávamos.

E nunca apresentaram nada sozinhos, sem cantar o coro?

Fizemos. Eu tenho a sensação de haver quaisquer espectáculos que nós fizemos sem o coro. Mas não tenho assim uma certeza muito grande. Isso são coisas que uma pessoa deve tomar nota, não é? Porque depois passam muitos anos...

Há uns programas do Grupo Dramático Lisbonense de 1950 em que já não aparece a Gina Santos. Foi por causa disso?

Pois. Eu fiz o primeiro *Urso* e depois o segundo já não fui eu. Porque fui logo para o Nacional. Em 50, estreei logo no Nacional.

Quando é que conheceu a Manuela Porto?

Em 49, por causa do grupo. Eu ia lá cantar...

A Gina já fazia parte do Coro?

Pois. Eu cantava lá no coro. E depois formou-se lá o grupo. Um dia, a Manuela Porto foi lá e disse ao Lopes-Graça que gostaria de fazer uma coisa de teatro e tal... e o Lopes-Graça apontou para mim e disse: «Olha, aquela deve ter jeito!» E ela depois perguntou-me se eu queria fazer e eu estava um bocado reticente - que a minha a minha vida não era nada ligada ao teatro... Tanto que aconteceu uma coisa muito engraçada: quando eu fui ver agora a história da Glicínia [Quartin] que o Jorge fez [filme *Conversas com Glicínia*, de Jorge Silva Melo], eu conhecia a Glicínia de outra maneira, a Glicínia para mim não era uma atriz, percebe? Eu morava em casa do José Ernesto de Sousa e a Glicínia morava em frente. Para mim, a Glicínia era uma pessoa que ia para a faculdade, tirar o curso de Biologia. E eu - que trabalhava noutra coisa muito diferente do teatro, nem nunca pensava fazer teatro, nem nunca, nunca, pensei -, eu sempre vi a Glicínia como uma pessoa que ia para o teatro tirar o curso de Biologia, era uma bióloga. Eu não ia muito ao teatro, nunca pensava em fazer teatro, e, um dia, depois disto de eu ter ido para o Nacional, aparece-me lá a Glicínia e eu fiquei muito admirada: «Mas que raio está a Glicínia aqui a fazer?» Porque eu só sabia da Glicínia daquela altura. E a Glicínia já tinha um currículo de teatro que eu nem sequer tinha! De forma que as coisas às vezes aparecem deturpadas, conforme a vida que as pessoas têm... Aparece outra coisa, que as pessoas não sabem... Portanto, a resposta é esta: eu estava no grupo do Lopes-Graça...

Onde é que ficava o grupo?

No Grupo Dramático Lisbonense e na Academia dos Amadores de Música. Mas eu saí depressa daí, porque depois, assim que eu fiz essas duas peças, a Amélia [Rey Colaço] foi ver esses espectáculos, e, assim que viu esses espectáculos, pediu-me logo para eu ir para o Nacional.

A Gina Santos, nessa altura, era amadora... Eram todos amadores?

Era tudo amador. Eu nunca fiz o curso do Conservatório. Eu nunca pensei em ir para o teatro. Não tinha nada a ver com o teatro. Eu até nem queria ir fazer teatro. Eu só... na escola, dizia poemas e coisas assim, e tinha jeito por acaso para estar em cena. Mas não se punha na minha cabeça fazer teatro nunca, percebe?

Que idade é que tinha a Gina? Era muito mais nova que a Manuela Porto...

Eu tinha uns 18/19 anos. A Manuela tinha uns quarenta... A Manuela matou-se muito cedo. Eu ouvi dizer que nessa altura ela tinha quarenta e...

Quarenta e dois anos.

Pois, porque quando ela se matou parece-me que alguém conversou e estava a dizer: «Com quarenta e dois anos, para que é que ela fez isso?» Já tinha feito uma tentativa de suicídio... Eram problemas que eu, com 19 anos ou 18... eu não entrava lá bem naqueles termos... Mas parece-me, ouvi dizer, que tinha havido uma tentativa antes. Pelo menos, ouvi alguém dizer, mas não sei. É sempre um choque, não é? E além disso, na noite em que ela se matou, eu tinha estado lá em casa dela, à noite. Depois soube isso de manhã.

E ela estava perfeitamente normal. Ela não me ia contar a mim as coisas pessoais. Não. A nossa relação não era bem uma relação assim... Pessoas de idades diferentes... E depois era uma relação muito... há pouco tempo, não é? Não era comigo com certeza que ela ia contar lá os problemas dela. Penso que eram problemas passionais. Mas essas coisas são muito complicadas... Se a gente tivesse uns dados... Mas eu só tenho aquilo que a Maria Lamas me dizia: que ela era muito exagerada, era muito emotiva - para ela fazer uma coisa dessas, não é? -, era uma pessoa muito emotiva e muito desequilibrada. Mas todo o aspecto dela... não dava nenhum aspecto de desequilíbrio. De maneira nenhuma, pelo contrário. Mesmo a trabalhar e tudo... Era uma pessoa que parecia que queria fazer qualquer coisa e trabalhava bem, e estimulava as pessoas no sentido de as pessoas trabalharem. Depois, o que lá estava atrás, é difícil... Mas o que é que eu lá terei ido fazer lá a casa...? Em 1950 já eu estava no Nacional, estreei-me lá com *A senhora das brancas mãos*.

Mas vocês [Gina Santos e Manuela Porto] não se davam para além do teatro?

Não, não. Deixe-me pensar... O Teatro Nacional fechava em Maio, portanto em Maio eu fiquei sem trabalhar... Eu até no outro dia encontrei aí um artigo, «Artistas desempregados», e estava o meu nome, uma coisa que veio na República. Portanto, nessa altura, ou eu iria lá porque ela me chamou para qualquer coisa a casa dela, para tratar de qualquer coisa, ou ela queria que eu fizesse novamente qualquer coisa... Não me lembro. Sei que lá fui a casa. E logo nessa outra manhã... Eu tinha estado à noite em casa dela. Há coisas que ficam... Ela tinha uma gata chamada Gina e ela dizia-me, cada vez que eu lá ia a casa: «Desculpe, de vez em quando tenho de chamar a gata!» (*risos*) Lembro-me perfeitamente... Há assim umas coisas que a gente fixa e outras, que têm importância, não fixa.

Qual foi a primeira peça do Grupo Dramático Lisbonense?

Foi o *Auto da Índia*. O *Auto da Índia* e outra peça com o Luís Santos. Ele fazia logo a seguir uma coisa do Tchekov... aquela peça do Tchekov que é um homem a falar de não fumar... uma peça só de um personagem, que o Luís Santos fazia e muito bem... Era *O trágico à força!* E o Luís Santos fazia tão bem que a gente passou a chamá-lo o Trágico à Força. Quando a gente ia para o lado dele, a gente dizia: «olha, o Trágico à Força!» (*risos*), porque ele era muito trágico! Isso era o primeiro espectáculo. A seguir a isso é que foi *O aniversário do banco*.

Quem é que escolhia as peças?

Era ela [Manuela Porto].

Lembra-se do incêndio que houve na sede do Grupo Dramático Lisbonense em 1949?

Não sei. Não me lembro. Mas deve ter sido um incêndio pequenino, não foi assim um incêndio como no Teatro Nacional, que esse lembra-se (*risos*).

O grupo tinha pessoas que vinham do coro, mas o coro e o grupo dramático não eram exactamente as mesmas pessoas, pois não?

Não. Por exemplo, o Luís Santos veio do teatro. Era um actor. Só ele é que era actor. O resto foram pessoas que... O Mário Ribeiro era do coro. O Vítor Babo também era do coro. Uma vez esteve para morrer afogado num daqueles passeios que nós demos com o Lopes Graça e quem o salvou foi o... aquele pintor... Agora não me lembro...

Mas esses passeios eram para fazer apresentações noutros sítios ou era só para passear?

Era só para passear!

E o Armando Santos?

O Armando Santos também era do coro. Depois, havia lá uns irmãos... O Fernando Jorge e...

A Maria Alice Jorge?

Sim. Mas essa no meu tempo não entrou no teatro. Mas era do coro. Naturalmente, já depois de eu me ir embora, foram buscar mais pessoas ao coro.

E a Maria João Baltar?

Essa rapariga não sei como é que ela lá foi parar... O resto era tudo do coro, só essa Maria João é que não. Nem percebo como é que ela lá foi parar... O Luís Santos era actor e era um amigo da Manuela Porto, devia ser amigo dela da altura em que a Manuela Porto fazia teatro. Porque ela tinha uma relação com ele diferente da que tinha connosco, nós éramos todos mais novos e ele era da idade dela...

E os outros eram todos da mesma idade?

Sim, éramos todos da mesma idade, excepto o Luís Santos, que era mais da idade dela, não digo que exactamente da mesma, mas era da mesma geração. O resto era tudo do coro. Tirando a Maria João Baltar. Esta Maria João andou comigo na escola. Na escola, mas para aí no primeiro ano. E depois apareceu lá não sei quando. Não sei como é que ela lá apareceu...

E então essas pessoas faziam todas outras coisas...

Tudo fazia outras coisas, ninguém era profissional. Profissional, depois, de teatro, só eu. Ninguém seguiu. E nessa altura havia uma lei: se a pessoa fizesse três anos num teatro profissional, era-lhe entregue a carteira profissional. Sem o Conservatório. Por isso eu fiz três anos lá no Nacional. E eu disse à Amélia que eu ia lá, mas eu vivia sozinha, desde os 17 anos que vivia sozinha, eu tinha que trabalhar, eu dizia «mas é que eu não vou ficar desempregada e venho cá...», por isso é que até apareceu depois aquele artigo no jornal dos artistas desempregados... E eu contei isso à Amélia e a Amélia disse: «Esteja descansada, porque se vier para cá, se aceitar isto...» – porque a Amélia fez muita força para eu ir para lá nesta altura, uma força assim mesmo um bocado disparatada, porque não havia razão para... Eu acho que não tenho assim um talento tão grande que ela fizesse assim tanta força para eu lá estar! Eu achei aquilo estranhíssimo... Tanto que fui falar com a Maria Lamas por causa disso. Para que é que ela me queria lá,

num teatro daqueles? E depois a Maria Lamas dizia: «Pois se tu tens oportunidade de fazer uma coisa agora, se vives com tão pouco dinheiro, se o teu ordenado mal dá para tu viveres, então porque é que não aproveitas? Aproveita! Para que é que dizes que não?» A Maria Lamas era uma mulher prática! E então eu fui, mas sem eu perceber bem porquê. E então comecei a fazer teatro e passado três anos deram-me realmente a carteira profissional. Mas eu não fiz o Conservatório, não fiz nada. De qualquer maneira, fiz o meu trabalho, fui capaz de o fazer. O que aconteceu foi que o meu currículo dentro do Teatro Nacional... o meu trabalho nas primeiras peças foi sempre bom. Fiz *O sonho de uma noite de Verão*, o Gil Vicente, o Lope de Vega... Ela entregava-me uma quantidade de peças muito boas, de categoria! E depois desses três anos, eu estive imenso tempo sem fazer nada. Mas nada! Estava lá mas não fazia nada, nada, nada! Foi numa altura em que se soube que o Mário, o meu marido, e a família do Mário... era toda uma família que, enfim, tinha nome na oposição. E o meu marido foi posto fora da faculdade e houve assim uma data de coisas. E, nessa altura, uma vez o Robles disse-me que não sabia que eu estava ligada a «pessoas tão perigosas»... (*risos*) E eu estive anos sem fazer nada, mesmo anos sem fazer nada! Mas ela nunca me mandou embora. Porque ela sabia que eu dependia muito daquilo. E isso eu também tenho que lhe agradecer. Mas não trabalhava e era muito desagradável. Ou fazia figuração ou... Até que houve uma altura em que eu lhe disse... – porque eu tinha muitos convites cá para fora, mas nunca me interessei em integrar-me em grupos, não me interessavam nada, porque eu não me interessava por fazer teatro só para aparecer. Já ali eu achava que fazia coisas que não interessava a nada ninguém, estava para ali a fazer papel de parva numas peças que não interessava... Ou me interessava fazer teatro por qualquer motivo, porque estava a dar qualquer coisa que interessava às pessoas, ou então... fazer aquelas comediinhas dos irmãos Quinteros e de não sei quê, isso não me interessava! É que também o repertório do Teatro Nacional às vezes era muito por baixo...

Era normal representar-se Tchekhov?

Você não conhece o livro do Costa Ferreira? O Costa Ferreira faz uma crítica muito bem feita ao repertório do Teatro Nacional e do teatro nessa altura. Ele era um actor muito interessante e dizia sempre: «Aquela mulher – que era a Amélia – aquela mulher é muito boa, o que é que... sempre bêbeda!» (*risos*), o que quer dizer: aquela não tem critério para as coisas. Mas não era. Ela não podia fazer outra coisa. Ela para estar ali tinha de fazer aquilo que... Ou bem não estava lá – mas ela possivelmente não estava interessada nem ideologicamente nem nada – ou então, para estar ali tinha de ter um determinado critério, não podia levar o que ela queria nem o que ela achava. E a mim também não me interessava estar a fazer aquelas peças, também não era um emprego muito grande. Para aparecer, para quê?

Sentiam que o teatro que faziam no Grupo Dramático Lisbonense era diferente do normal, do instituído?

Sim, sim. Até se fazia mesmo... acintosamente diferente! Isso era muito instigado pela Manuela Porto. Havia um certo desprezo pelo teatro que se fazia fora dali.

E em que é que consistia essa diferença?

No repertório. O Teatro Nacional tem este repertório... tem as peças importantes, mas são cinquenta anos de trabalho! Porque o grande peso de peças era uma xaropada!

E não havia diferenças na representação?

Isso não. Havia bons actores no Teatro Nacional. Não era propriamente isso que se criticava. O que se criticava era o repertório e, sobretudo, a falta de interesse, no sentido de quererem dar ao público o que o público quer, não haver estímulo nenhum para transformar o público. Não tinha a ver com as técnicas de representação. Nem se falava nisso. Até se tinha muita consideração pelos actores e gostava-se muito de ir ver. Era o repertório e toda a parte moral, por assim dizer, toda a direcção, a coisa intelectual do teatro, a falta de qualidade.

Os actores do Grupo Dramático Lisbonense não recebiam dinheiro?

Não, ninguém recebia dinheiro por representar.

Como é que o grupo arranjava dinheiro?

Não sei, não sei... As pessoas de lá, ninguém tinha dinheiro. (O João José Cochofel era o que tinha mais) Não sei... o coro também não tinha dinheiro... Se calhar tinham sócios, se calhar o Grupo Dramático Lisbonense tinha sócios...

E o público pagava para assistir aos espectáculos?

Não sei... Mas naturalmente que na Academia deviam ser os sócios que pagavam, os sócios da Academia...

Mas os espectáculos da Academia não eram abertos a toda a gente? Eram só para sócios?

Não sei, não sei...

O Grupo Dramático Lisbonense tinha muitos espectadores?

Ah, a casa enchia sempre!

E não havia uns mais fiéis?

Aquilo estava sempre cheio, mas não sei quem eram aquelas pessoas, de onde é que vinham...

Os espectáculos tinham música?

Não. Não havia música.

A Manuela Porto é que ensaiava?

Sim, era a Manuela Porto que ensaiava.

Ela dizia o que é que tinham de fazer e vocês ficavam calados?

Não, não! Nós podíamos falar, podíamos dizer coisas...

Mas não era propriamente uma criação de conjunto...

Não.

Quem é que distribuía os papéis?

Era a Manuela Porto que decidia. Mas podia-se... havia pessoas que não gostavam do papel e diziam-lhe. Mas eu sempre aceitei o que ela me deu. Eu não tinha grande interesse, tanto me fazia...

Como eram os ensaios?

Com a Manuela Porto aquilo era a sério. Não era nada à balda, ela vinha do teatro profissional. E quando havia alguém que não estava a fazer aquilo tão seriamente, ou quando estava mal vestido, ela zangava-se!

Começavam a ensaiar muito tempo antes de apresentarem os espectáculos?

Os ensaios... Era cerca de um mês para ensaiar.

Faziam um ensaio no próprio dia da representação?

Não, no próprio dia não. Havia um ensaio geral...

A Manuela Porto como encenadora era muito rígida ou era uma pessoa acessível?

A Manuela Porto gostava imenso de nós, era muito atenciosa. A morte dela foi um choque. Ela era muito acessível, podia-se falar. Não tinha nada a ver com o Nacional. Lá, diziam-nos: «tens de dizer assim, assim; repete». Às vezes havia outros encenadores... o Robles é que era da escola antiga... A Manuela Porto não era nada assim, dava-nos espaço. Nós fazíamos as coisas e depois ela dava a opinião.

Os elementos do grupo davam-se bem?

Sim, sim, sim... Nunca houve nada...

O Fernando Lopes Graça ia aos ensaios?

Às vezes ia...

E participava, dizia alguma coisa?

Não, ele só dirigia o coro. Ele gostava muito de nos ver representar, então ia lá de vez em quando.

E a Manuela Porto não cantava no coro?

Não, ela era amiga do Fernando Lopes-Graça. E aparecia lá aquele poeta de Lisboa, aquele louro - na altura em que eu o conheci, era louro - que andava sempre por Lisboa... o José Gomes Ferreira. Era esse, o João José Cochofel, era o Mário Dionísio, era a Maria da Graça Amado da Cunha, que ia lá tocar... aparecia lá muita gente! E entre essas pessoas também aparecia a Manuela Porto. E até aparecia o marido dela, o Roberto Araújo. Os cenários e os figurinos do Grupo Dramático Lisbonense era ele que fazia. E o que eu sei é que ela não podia ver o homem falar com ninguém! (*Risos*) Havia lá qualquer coisa na cabeça dela, ela tinha qualquer problema esquisito. Por isso é que a Maria Lamas me dizia: «Sabes, é que a Manuela Porto tem aqueles exageros, aquelas coisas...» Ela, coitada, tinha qualquer problema ligado a essas coisas, pronto...

Mas ela é que tinha muitos admiradores... Por exemplo, o José Gomes Ferreira a falar sobre ela... estava encantado!

Ah, pois! Quando ela chegava, queriam que ela dissesse poemas - que ela dizia muito bem, muito bem, era extraordinária a dizer poemas. E a gente até lhe pedia, muitas vezes, e líamos também, e ela lá às vezes acedia e dizia. Ficávamos muito contentes de a ouvir dizer. Isso é verdade, ela era admirada. Mas ela tinha aquela fraqueza, o que é que a gente há de fazer? Um problema dela, coitada, que ela tinha. Eu sei que isso é verdade, porque havia qualquer pessoa que me dizia: «Olha, não fales muito com o Roberto que isso não pode ser.» E eu, pronto. Também não estava assim muito interessada (*risos*), e se não se falava, não se falava!

Porque é que acha que ela tinha tantos admiradores?

Porque ela era uma mulher encantadora... Era muito cativante.

Tinha um ar triste?

Não. Não tinha um olhar triste, mas também não tinha um ar contente. Mas com certeza que não era connosco que ela ia falar das suas tristezas. Tínhamos muita diferença de idades e estávamos ali para fazer teatro.

O feminismo de Manuela Porto reflectia-se na sua maneira de estar com as pessoas?

Sim, sim! Um dia houve lá um do grupo que me disse qualquer coisa que eu já não me lembro e a Manuela Porto não gostou nada! Não sei o que é que ele terá dito... mas ela deu-lhe logo uma descompostura. Eu nem achei que houvesse algum mal no que ele me disse, mas ela ficou muito... não admitiu!

Qual era relação da Manuela Porto com a Maria Lamas?

Havia muita ligação. Elas conheciam-se, elas davam-se.

Eu li numa entrevista com a filha da Maria Lamas que a Manuela Porto teria dado aulas de teatro no Conselho Nacional de Mulheres Portuguesas. Porque parece que lá havia aulas de várias coisas...

Sim, havia umas aulas no Conselho Nacional de Mulheres Portuguesas. Havia, que eu tinha. De literatura... Era natural que a Manuela Porto desse aulas de teatro. E elas davam-se [Maria Lamas e Manuela Porto]. Elas tinham uma relação. Eu também tinha aulas lá no Conselho. Ia muitas vezes a casa da Maria Lamas por causa disso.

Nessa altura em que conheceu Manuela Porto não sabe em que organizações políticas é que participava?

Bem, toda a gente era do MUD...

Todos os actores do Grupo Dramático Lisbonense?

Todos. O que era estranho era não ser. Eu nunca estive no MUD juvenil, nem nada, mas o resto estava tudo metido nessas coisas. Mas eu não percebia bem essas coisas. E era normal não perceber: eu também era amiga da Maria Lamas, estava com ela regularmente, ia lá a casa... e nunca percebi as outras coisas que ela fazia.

Costumava ir ouvir os recitais da Manuela Porto?

Sim, ouvi. Ela dizia aquele poema muito grande do Fernando Pessoa, a «Ode Marítima». E também lia outros poetas...

Onde é que a viu recitar?

Isso já não me lembro...

Costumava ler as críticas de teatro que Manuela Porto fazia na *Vértice* e no *Mundo Literário*?

Não.

A Manuela Porto escreveu em 1931 numa ficha do Teatro Nacional que até aí tinha tido principalmente papéis de ingénua nas peças em que entrou. Acha que o seu livro *Uma ingénua* pode ter a ver com isso?

Não. Não se trata dela. A *Ingénua* é uma história que ela diz que é sobre o teatro e que as personagens são reais. Isso disse-me ela a mim. A pessoa que é a principal personagem, ela diz que é real. E, a ser real, é um bocado brusco... Parece que a personagem principal era a Leonor d'Eça e a empresária, a Amélia Rey Colaço. Mas eu tenho um amor a este livro... fantástico. Primeiro, por causa da dedicatória que cá está dela... Depois, porque isto pode haver um dia que seja precioso... (*risos*), alguma neta minha que queira levantar quaisquer perguntas, quando se disser que as pessoas são só boas (*risos*), que não há nada na vida das pessoas, que às vezes há... E eu emprestei o livro ao Mário Jacques e telefonei-lhe vezes sem conta a dizer «Podes-me ficar com tudo, mas com aquele livro não!»

Janeiro de 2005

ANEXO II

ENTREVISTA A LUIZ FRANCISCO REBELLO

Num texto seu diz que a Manuela Porto se suicidou por razões amorosas...

O Roberto Araújo era um... D. Juan, tinha aventuras por todos os lados, e a Manuela sofria muito com isso. E várias vezes se tentou se matar. Aquele suicídio último foi só o último de uma série de tentativas de suicídio que falharam. A última coisa tinha sido particularmente... tinha ficado muito mal e ela...

Onde morava a Manuela Porto?

A última vez que estive em casa dela... ela morava ali ao pé do Príncipe Real, numa rua íngreme, subindo da Praça das Flores, uma rua que faz um cotovelo e acaba no Príncipe Real. Encontrava-me muitas vezes com ela. E noutras vezes no escritório do Dr. Avelino Cunhal... Os artigos sobre teatro que se publicavam na Vértice eram distribuídos entre mim, o Dr. Avelino Cunhal e ela. Encontrávamo-nos muitas vezes... em 47, 48, 49. Eu tinha uma grande amizade, uma grande admiração por ela. Lembro-me de ela ter assistido aos primeiros espectáculos do Teatro do Salitre. Fez uma crítica a uma peça minha feita um bocado a martelo em 1947. A coordenação da Vértice era feita entre o Mário Dionísio, o João José Cochofel, o Manuel Campos Lima e... ia dizer o Carlos de Oliveira, mas ele nessa altura não era tão participante... e tinham-nos distribuído a parte do teatro, à Manuela, ao Dr. Avelino Cunhal e a mim. Encontrava-me com eles muitas vezes em casa dele, para combinar o que é que cada um fazia, que espécie de crítica a espectáculos de teatro fazíamos... um bocado como acontecia na Seara Nova que o João Pedro de Andrade e o Jorge de Sena faziam. Não era só isso,

tinha uma parte de estudos de teatro, artigos, e a Manuela escreveu lá muito. O Dr. Avelino também.

Quando a conheceu? Na altura do Grupo Dramático Lisbonense?

Quando na sequência do Teatro do Salitre, da Casa da Comédia e do Páteo das Comédias ela começou também um grupo [Grupo Dramático Lisbonense]... Ela era nora do Araújo Pereira. E tenho ideia de que foi a viúva do Araújo Pereira, que estava também ligada ao Teatro do Salitre, a Emília, creio que foi ela que me apresentou à Manuela. Aliás havia uma ligação do Teatro do Salitre não só à Emília mas também ao António Vitorino, que era um escritor, muito esquecido, que era, digamos, um escritor neo-realista de segunda linha. [António Vitorino] tinha sido amador com a Manuela Porto e o João Pedro de Andrade no teatro do Araújo Pereira... Eu creio que foi nesse quadro do teatro experimental que eu a conheci. E depois em 1947 eu separei-me do Teatro do Salitre, discordava da orientação... O Teatro do Salitre... era uma direcção muito heterogénea. A confusão do Teatro do Salitre. Basta ver o seguinte: as reuniões preparatórias do Salitre juntavam o Alves Redol, por um lado, e o Vasco Mendonça Alves, que era o tipo do dramaturgo situacionista, era monárquico, salazarista, integrista, e tinha feito representar no Teatro Nacional uma peça abominável chamada *Pátria*, que era uma coisa de um reaccionarismo ultra-primário... E havia ainda o Eduardo Scarlatti, que era um homem de esquerda, e o Gino Saviotti que funcionava um bocado como fiel de balança desta gente toda. Quando se fez o Teatro do Salitre fez-se uma direcção em que estava dum lado eu, do outro o Vasco Mendonça Alves e no meio o Saviotti. Do primeiro espectáculo saiu uma coisa um bocado heterogénea. A Manuela até chamou a atenção para isso na Vértice. O segundo espectáculo foi dirigido por mim, era uma coisa diferente. E a partir daí decidiu-se uma coisa: cada um dirige o seu espectáculo, para não haver confusões. O Saviotti fez o seguinte, o Vasco Mendonça Alves fez outro a seguir, que era um horror... e a seguir fiz eu um, uma peça do João Pedro de Andrade, uma peça do Branquinho da Fonseca, o João Villaret a fazer *Os malefícios do tabaco*... e uma peça duns rapazes [Carlos Montanha e Pedro Bom]. A seguir voltaram à fórmula anterior... Foi exactamente na sequência dessas peças e dissidências que houve a ideia com a Manuela Porto de fazer mais um grupo de teatro. Aproveitámos o espaço do Grupo Dramático Lisbonense.

O nome já existia?

Existia. Na Marcos Portugal. A Sociedade de Cultura e Recreio Marcos Portugal. Havia um grupo de teatro amador mas que estava parado, desactivado, digamos assim. De maneira que como havia sempre muitos problemas com a Censura a gente procurava sempre aproveitar coisas que já existiam e depois entrávamos nessas coisas. Fazer uma coisa de origem era muito complicado. Aproveitou-se um grupo que já não existia praticamente e fez-se aí, mas entretanto houve um incêndio e o primeiro espectáculo já foi na Academia de Amadores de Música. Fez-se o segundo e o terceiro e depois não sei, se a Manuela morreu entretanto... A peça do Manuel Mendes publicada na Vértice [número que tem homenagem a Manuela Porto] era para o grupo. Era suposto ela fazer predominantemente peças de autores portugueses. Uma peça do Dr. Avelino Cunhal, uma peça minha que era *O dia seguinte* e era a primeira que ia seguir-se. Chegou curiosamente a ser levada à Censura e a ser aprovada pela Censura em 1950. Depois foi proibida... e entretanto já foi feita muitas vezes... Foi por causa de ter sido proibida... a proibição levou uma revista francesa a publicá-la. À pressa arranjou-se uma versão

francesa porque havia uma oportunidade única de fazer aquilo, e a partir daí da versão francesa é que vieram a ser feitas todas as outras. Era a Gina Santos que seria a protagonista... que depois foi feita pela Carmen Dolores na versão proibida do Nacional enquanto no Teatro Moderno de Lisboa foi ela que voltou a fazer quando [a peça] foi autorizada. Quem fazia o Baía, o companheiro, era o Rogério Paulo que tinha estreado por essa altura.

E já tinha assistido a algum recital da Manuela Porto?

Conheci-a em 47, 46/47, por essa altura... mas sim, já a tinha visto antes, numa coisa extraordinária - a declamação da *Ode marítima* no salão de festas do Século. Ela era uma extraordinária declamadora de poesia. E na altura havia até uma certa rivalidade entre ela e a Maria Barroso. Na realidade como estavam numa linha política próxima, a rivalidade ainda mais se acentuava. Mas a Manuela era outro género... Parecia uma coisa impossível. Saber de cor a *Ode marítima*... era uma hora, que diabo!... Dizer de cor a *Ode marítima* inteira parecia uma coisa extraordinária. Eu lembro-me no salão de festas do Século, fizeram-se uma série de coisas, uma série de conferências sobre teatro português. Ela dizia... era uma espécie de mímica com as mãos que esvoaçavam, era deslumbrante. Tinha um ar etéreo, o que contrastava até muito com a violência de certos passos da *Ode marítima*. A ideia que eu tenho é de... uma noite de magia. Ela terá feito isso outras vezes?... Talvez em Coimbra... não sei.

Chegou a vê-la numa peça como actriz?

Antes da *Ode marítima*, vi-a no *Sonho de uma Noite de Verão* no parque da Palhavã. Em 40 ou 41. Ela já não fazia teatro há muito tempo – foi uma coisa excepcional.

Janeiro de 2006

ANEXO III

ENTREVISTA A FRANCISCO CASTRO RODRIGUES

Conheceu a Manuela Porto?

Conheci. Na altura da organização das Exposições Gerais de Artes Plásticas. Ou seja, na altura da conquista da Sociedade Nacional de Belas Artes. Reconstituímos, segundo a letra dos Estatutos, as comissões de auxílio à Direcção. Havia uma Comissão de Teatro. Como eu conhecia a Manuela Porto das suas intervenções num teatro que ela tinha, o Grupo Dramático Lisbonense...

Mas a Manuela Porto só está Grupo Dramático Lisbonense a partir de 1948. E a «conquista» da SNBA foi em 46... Se calhar conhecia-a também de recitais...

A entrada dela na SNBA foi consequência dessa sua actividade de actriz, de directora de uma companhia, ensaiadora e de criadora daquele teatrinho desmontável que cabia numa camioneta, com estrutura metálica, tubos e panejamentos para fazer as divisões lá dentro, com uns camarins e uns estrados para elevar o pavimento da Sociedade Nacional de Belas Artes. Vinham com aquilo, ela e o marido, o Roberto de Araújo. Iam para aqui e para acolá. E também às Belas Artes [SNBA] quando tínhamos a Sociedade na mão. E foi ela a directora da Comissão de Teatro. Fez lá Tchekov, umas duas ou três peças.

E também viu a Manuela Porto noutros lugares?

Eu conhecia a Manuela Porto de nome por ser filha do César Porto, que era director da Escola-Oficina nº1 quando eu lá andei. Eu era muito mais novo do que ela...

Mas nunca a ouviu em recitais, a declamar Fernando Pessoa, por exemplo?

Foi aí que a conheci. Em recitais organizados por um grupo de estudantes, familiares do Nuno Teotónio Pereira, que organizavam umas coisas dessas, ou na Casa do Alentejo, ou noutra sítio desses...

Ela fez um recital no Instituto Britânico...

Talvez aí. Porque nessa altura da guerra eu frequentava muito a Embaixada, que era o centro de distribuição da propaganda que eu levava para a Escola de Belas Artes.

E viu alguma vez a Manuela Porto a representar?

Vi-a – e fiquei entusiasmado com isso – a recitar Fernando Pessoa, aqueles versos que nunca mais acabam... duas e três linhas no texto... e que ela representava de uma maneira extraordinária, não teatral. Era mais uma leitura. Fiquei encantado com a maneira de representar dela, com uma simplicidade... muito poucos movimentos... era a poesia pura. Fazia um gesto ligeiro de cabeça, um gesto de mão... Estou a vê-la a recitar. Considero-a muito melhor recitadora do que a Maria Barroso, que também é uma boa recitadora. Mas como a Manuela Porto, não. Era a poesia pura que saía.

Só assistiu a recitais de Fernando Pessoa?

Também a ouvi a dizer poetas mais recentes. Mas o que fixei realmente foi Fernando Pessoa. A extensão dos versos... e ela a dizer muito bem... E sem me lembrar onde foi, tenho a impressão de que era num sítio frequentado por meninos um bocadinho elitistas... Era um grupo qualquer... Foi um colega meu do Técnico, com quem fiz amizade, o Rodrigo Machado, muito curioso, muito interessado por coisas culturais, que me levou para esses ambientes, onde aliás, pela primeira vez, ouvi recitar poemas angolanos. Mas não sou capaz de localizar.

Terá sido na Associação dos Estudantes da Faculdade de Ciências?

Talvez, talvez... Estou a ver ambientes escuros... Talvez as fardas dos estudantes... Já não me lembro...

Nunca esteve em reuniões políticas com ela, por exemplo da Comissão dos Escritores, Jornalistas e Artistas do MUD?

Não, o marido é que aparecia nessa comissão. Era o elemento de ligação ao Teatro e ao Cinema. Um marido que a tratava mal... Diz-se até que ela se suicidou por desgostos ou qualquer coisa assim...

Outubro de 2006

ANEXO IV

ENTREVISTA A LUÍS MIGUEL CINTRA

Porque é que deram o nome de Manuela Porto a uma das salas da Cornucópia?

A sala Manuela Porto chama-se assim por homenagem nossa à dita. Porque teve um percurso independente, era boa actriz, marginalizada, de esquerda, e porque dizia muito bem poemas – e estava destinado fazerem-se nesta sala leituras e recitais. O Jorge [Silva Melo] é que teve a ideia, a Glicínia [Quartin] aplaudiu e eu disse que sim, aprendendo ao mesmo tempo quem ela era, que eu não sabia.

Mas já tinha ouvido o nome de Manuela Porto...

Claro que sim! Ela não morrera há tanto tempo como isso! O Mário Dionísio, por exemplo contava-nos entusiasmado a sua leitura da *Ode Marítima*. Faz parte da vida lembrar um pouco os que por cá passaram antes de nós. E faz parte querer saber, mesmo que não seja para fazer uma tese. Pelo menos nós pensámos assim.

Novembro de 2006

ANEXO V

ENTREVISTA A JORGE SILVA MELO

Porquê o nome de Manuela Porto para uma sala no Teatro da Cornucópia?

Creio que sempre me intrigou a dedicatória do Mário Dionísio à Manuela Porto, ele que não dedicava poesias a ninguém. Devo tê-la lido em 64, tentei saber coisas sobre ela, descobri traduções na Portugália (e na Inquérito?), evocações (José Gomes Ferreira, de certeza). Em 1971 trabalhei com o Seixas Santos nos *Brandos Costumes* e nessa altura recomendei-lhe um actor, Luís Santos, que conhecera no Teatro da Luzia Maria Martins quando lá fizemos o *Anfitrião* (1969). Luís Santos fartou-se de falar de Araújo Pereira (o seu mestre) e de Manuela Porto com quem trabalhara. O Osório Mateus, entretanto, encontrava-me documentação sobre o Lisbonense, os grupos do Araújo Pereira, o Bento Mântua, o Igrejas Caeiro. Mais tarde, ouvi sempre falar de Manuela Porto a pessoas que me interessavam e cujo percurso individual tentei sempre conhecer melhor (Glicínia Quartin, Gina Santos, por exemplo). Há-de ter sido em 1976 que decidimos abrir uma pequena sala para conferências, leituras, exposições no Teatro do Bairro Alto. Nome para a sala? Manuela Porto, propus eu. O seu lugar entre a literatura e o teatro, o experimentalismo e as convenções da academia faziam com que ela fosse de certa maneira nossa «patrona». A Gina Santos achou bem lembrarmo-nos dela, a Glicínia também. Já poucos mais se lembravam dela.

Julho de 2007

ANEXO VI

**ANTOLOGIA DE OBRAS DEDICADAS
A MANUELA PORTO**

ALBERTO DE SERPA

Nocturno

A Manuela Porto

Há sempre mais um poema triste para sair da noite...
O luar sobe, imperturbável, deste sossego da terra,
o silêncio guarda em si a voz das rochas e dos montes,
o ar é o encontro duma saudade e duma aspiração,
o perfume, o eco dum adeus triste sem palavras nem lágrimas...
As águas do rio pararam, a reflectir mais serenamente umas vagas estrelas,
os barcos são corpos estendidos a sonhar na noite,
as asas dormem escondidas como um segredo,
e as árvores nem têm uma palavra de ternura dos ventos distantes...
E é nesta serenidade que as almas verdadeiramente acordam...

In Presença, n.º 49, Junho de 1937

Inscrição para a memória de Manuela Porto

Abria os braços: dava Poesia.
Fechava-os: cada alma era uma escrava.
Agora, fria sob a Terra fria...
Almas, pagai o que ela recolhia!
Ó Poesia, paga o que Ela dava!

In Jornal do Fundão, 8 de Outubro de 1950

ADOLFO CASAIS MONTEIRO

Anel Quebrado

A Manuela Porto

A vida não tem portas nem janelas...
por isso vos enganais no jogo vão
de lhe querer dar limites.

Ouve, ouve em ti o grande apelo
da tua própria vida que resiste
ao voto de a fechares num já previsto
anel de ininterruptos regressos.

Aniquila a vã perseverança
na resignação.
Cala essa voz covarde que te pede
só descanso.

Vai por aí fora, e deixa vir
sobre ti o vendaval do inesperado!
Deixa gritar as vozes da químera,
deixa clamar o apelo da loucura!

E vai! Vai até onde
a tua força vá. Segue-te,
não sigas as insinuações da cobardia.

És sangue e nervos e vontade e audácia!
Cumpre-te.
Vai como as nuvens ou a vaga,
com a seta ou o rio ou a chama...
Mais vai contigo!

Sempre e sem fim., Edições «Presença», 1937

MP

Dístico que a sua vida
Gravou numa asa em plena
Adoração de azul...:
«No vôo desprendida
Enovelei-me numa pena,
Caí dentro do paroxismo
Da própria alma e, exul,
Com a poesia do abismo
Dei...»

Mas a asa continuou a sangrar azul,
Extasiado de nostalgia,
Pelo céu além da poesia,
Como ave do paraíso que a voar se depena.

In Jornal do Fundão, 8 de Outubro de 1950

A dama da sua alma

Quantas formas sobrenaturais em linhas de transe,
Amada pura, não fizeram cruces e feridas
Na tua alma extasiada e presa a um romance
De cordas transviadas e logo estaladas e partidas!

Que longa sucessão de mortes e de ermidas
A tua vida não cantou!... E o choro interior,
O choro contido, quanta ânsia não ergueu de amor
Ao limbo da destruição de todos os suicidas!

O teu amor, crucificado e religioso,
O teu amor pedinte à tua alma de que te amasse,
O teu amor foi apenas o disfarce
Da ânsia dum canto longínquo e misterioso.

O teu amor foi uma ferida no destino de uma vibração
Dum poente, por exemplo, na água dolorida
Que no teu coração, ficava presa enquanto o seu canto corre
No extasi esfacelado e perdido que era a tua vida.

Viveste, enfim, como quem morre
A vida de cada sentimento e de cada emoção.
E, morta cada qual, mais vivo, o coração
Vivia o drama elegíaco que o socorre
Quando mais nada havia que um espinho e uma garra
Com que enfim, se agarrava e se prendia.

E, partida a amarra,
Ainda a dor que amava, por conforto,
Que amava, assim, e que sofria
Consolava com o seu desgosto
As largas noites do seu amargo dia.

De madrugada, coração exausto e frio
E que foi sempre o seu leito,
Abraçou a morte num último arquejo,
E lívida e fria, perseguida pelo último desejo
- Lá foi como folha morta no misterioso rio
Que a vida lhe abriu no peito.

Lá foi como folha morta,
A amada pura, e longa como um grito
De vento lancinante, a acordar o infinito
Para que ela entrasse a sua porta
Vestida de visões esfarrapadas

E chagada até onde sofria e amava,
A escrava iluminada da alma,
A alma sedenta a beber a lava
Do vulcão interior que se abria num grito
Surdo, escalavrado e faminto.

Amada pura e morta o céu com que te sinto
E te ofereço, é o pensamento mais branco
Que em mim encontro e arranco
Para atirar como um voo cinzento
Pela minha alma dentro
E ele ir encontrar-te a criar anjos e dores
Com que a ti mesma cantes e, iluminada, ores
Nas saudades do nosso pensamento.

(Julho de 1950)

in Vértice, vol. X, nº 86, Outubro, 1950

Poema

Tão calma
Na última jazida
Pedi apenas
Licença à vida
Para deitar a alma
Bem entre as suas penas.

Deitada e dolorida,
Cabeça numa calma grega,
Dessa calma antes da procela,
A pequena mendiga dum sonho maior que ela
Dorme a visão cega
De amar no próprio coração
O pleno e ainda insatisfeito
Amor que faz toda a vida.

Dentro do peito,
Um filho mais,
Filho já de sentimentos abismais.
Cada novo dia e hora
Escutemos a própria alma que a chora
Entre os que a amaram como um espectro.

(Julho de 1950)

In Vértice, vol. X, nº 86, Outubro, 1950

BELARMINO BARATA

Poema

à memória de Manuela Porto

Naquela noite...
o vento era harmonia,
a chuva uma carícia,
e o frio um beijo longo...

Naquela noite...
um lenço rubro na mão,
o vestido negro, negro...
e um coração.

Naquela noite...
o Poeta descobria
— nos versos que escrevera —
a Poesia!

In Jornal do Fundão, 8 de Outubro de 1950

P R A N T O

À memória de MANUELA PORTO FERNANDO LOPES GRAÇA

(1950)

Andante sostenuto

In Vértice, vol. X, nº 86, Outubro, 1950

* Compõe ainda *In memoriam Manuela Porto*, para o poema homónimo de João José Cochofel, que será interpretado pelo Coro do Grupo Dramático Lisbonense em 12 de Dezembro de 1950, numa sessão de homenagem a Manuela Porto na Academia de Amadores de Música. Dedicou também a sua obra *Cinco estelas funerárias para companheiros mortos* (1948), entre outros, a Manuela Porto e Bento de Jesus Caraça. *Pranto* está incluído em *Oito bagatelas para piano* (editado pela Valentim de Carvalho).

Caricatura de Manuela Porto



c. 1950. Lápis e carvão. S. ass.

In João Abel Manta: Obra Gráfica
Museus Municipais de Lisboa / Museu Rafael Bordalo Pinheiro, Lisboa, 1992

JOÃO JOSÉ COCHFEL

In Memoriam*

Uma palavra de adeus.
Um punhado de terra.
Já pesa de saudade
o silêncio que a encerra.

Foi como foi. A vida
cumpru-a ou não.
Que importa!
Deu-lhe um sentido. Vive
agora que está morta.

In Vértice, vol. X, nº 86, Outubro, 1950

* Musicado por Fernando Lopes-Graça.

Na morte de Manuela Porto

Adormeceu a cotovia
cansada de cantar,
nenhuma melodia
nos vai abrir o ar...

Não chores natureza
de silêncio frio,
o esquife sem reza
pode ser um rio

um rio que corra
depressa para o mar,
sem esta modorra,
com a água a cantar...

Ó cotovia adormecida
que o canto prendeste
nos ramos da vida
sobre o chão agreste

dorme descansada
no jardim da infância
com a tarde pasmada
que rasgaste de ânsia...

In Vértice, vol. X, nº 86, Outubro, 1950

JOSÉ GOMES FERREIRA*

Manuela Porto

Um trecho do livro em preparação «Imitação dos Dias» (Diário inventado)

*Escrito meses depois da morte de Manuela Porto,
– mas a fingir que foi no mesmo dia*

Por favor não me venham dizer que os mortos vivem!, que os mortos mandam!, que os mortos deixam ficar um perfume de saudade de fogo eterno nas almas! etc., etc. Basta! Não me irrite com esses lugares comuns de mentira com que toda a gente suja de flores murchas os tristes cabelos dos mortos.

Tenhamos a coragem de confessar que os mortos quanto mais mortos, melhor, bem calcados de terra funda e esquecimento. Eu, por mim, sacudo-os, com raiva, do suor

* Dedicou também os seus *Cinco Caprichos Teatrais* a Manuela Porto (*Cinco Caprichos Teatrais inspirados na revolução portuguesa de 1974 e escritos em 1977-78*, Moraes Editores, Lisboa, 1978). A segunda parte deste texto será publicada, com outra disposição gráfica, em *Poesia III*.

dos dias e das noites – feliz de respirar ainda.

Fora! Os mortos doem !

O resto, palavras de cinza enfeitadas de lágrimas de olhos ocos. « Coitadinho ! Era tão bom rapaz! Que pena! Tão novinha! »

Às vezes, no meio desses velatórios onde paira a insinceridade melancólica do remorso da alegria de continuarmos vivos, apetece-me desatar aos berros: calem-se! Não reduzam a morte à exiguidade do sussurro das nossas vidas! Dêem-lhe a grandeza do silêncio sem angústia da altivez dos homens!»

Mas sustenho-me sempre. Curvo a voz. (Que bom, entrar na comédia geral). E colaboro também, lacrimejante, a boca acesa do frio da lamúria...

Ai da pobre Manuela Porto se não deixasse algumas páginas tão malditamente humanas em *Um filho mais* que lhe garantem a eternidade na Selecta Terrível dos escritores de alma aberta! Se não quem se lembraria dela depois de amanhã ou amanhã mesmo?

Os poetas? Os poetas que Manuela Porto espalhou pelos quatro ventos de Lisboa numa dádiva de chama erguida, – lenço vermelho na mão, túnica branca, ímpeto de bandeira?...

Mas os poetas (eu, tu, ele...) não passam duns poetas de negrura que só a vaidade ilumina. A dor e a morte dos outros interessam-lhes apenas, ou quase sempre, como pretextos subterrâneos para se cantarem.

Nada, – ouviram ? – nada conseguirá salvar do esquecimento de cova cheia a *outra* Manuela, a verdadeira Manuela do nosso convívio (quero lá saber da escritora !) que, no fim de contas, tudo valia para nós: a Manuela de todos os dias no Chiado, da *Brasileira*, às 6 horas da tarde, dos ensaios pacientes na Academia dos Amadores de Música, das reuniões aos domingos em volta do chocolate do João José Cochofel, dos jantares aconchegados na sua salinha defronte do *Enterro* de Mário Eloy; a Manuela do sorriso forçadamente quente (às vezes com tantos punhais nos recantos de sofrer); a Manuela que, como todas as mulheres superiores, possuía o segredo daquela intimidade misteriosa que, ao mesmo tempo, aproxima e afasta (e assim quem lhe descobria os defeitos?); a Manuela a ocultar, sob a leve afectação de uma máscara exageradamente feminina, o seu coração de jacobina varonil; a Manuela, amiga e Anjo da Fama dos poetas – de todos ! de todos! – desde o Fernando Pessoa aos últimos escorraçados do neo-realismo... (pedras de todos os cantos! insultos de todos os céus! ódios de todos os negrumes! E é por isso que estou com eles. A poesia é escândalo! A poesia é perigo!); a Manuela, ídolo insubstituível dessas trezentas pessoas heróicas que andam, de um lado para o outro, em Lisboa, a fingir cultura: – a correr das dissonâncias da *Sonata* para o pescoço torcido da geral do São Carlos ; da Exposição das Artes Plásticas para o último concerto de canções do Lopes Graça; da estreia do *Auto da Índia* no teatrinho do Grupo Dramático Lisbonense para o recital poético na Associação Feminina Para a Paz... A Manuela que, quando me encontrava, pedia-me sempre, em cadência de súplica : «ó Zé Gomes: escreva-me uma peça!» A Manuela míope que punha os óculos para sorrir melhor. A Manuela que, na maior crise da minha vida, me escrevia com aquele tacto de ternura, tão bom!, de velar pelos amigos: *sem querer de modo algum parecer-lhe importuna, pois sei que está magoado, atrevo-me, no entanto, a recordar-lhe que, depois de amanhã, sábado à noite, se encontrarão, aqui em casa, alguns daqueles seus amigos mais devotados que...* A Manuela transitória, a Manuela companheira, a Manuela labareda nos estrados de versos, com a voz do tamanho do entusiasmo do mundo em lágrimas:

eia!
vamos fazer qualquer coisa de louco e heróico
como era a Tuna do Zé Jacinto
tocando a marcha Almadin!

*
* *

Devia morrer-se doutra maneira. Transformarmo-nos em fumo, por exemplo.
Ou em nuvens.

Quando nos sentíssemos cansados, fartos do mesmo sol a fingir de novo todas as manhãs, convocaríamos os amigos mais íntimos com um cartão de convite para o ritual do Grande Desfazer : «Fulano de Tal comunica a V. que vai transformar-se em nuvem, hoje às 9 horas. Traje de passeio».

E então, solenemente, com passas de reter tempo, fatos escuros, olhos de lua de cerimónia, viríamos todos assistir à despedida.

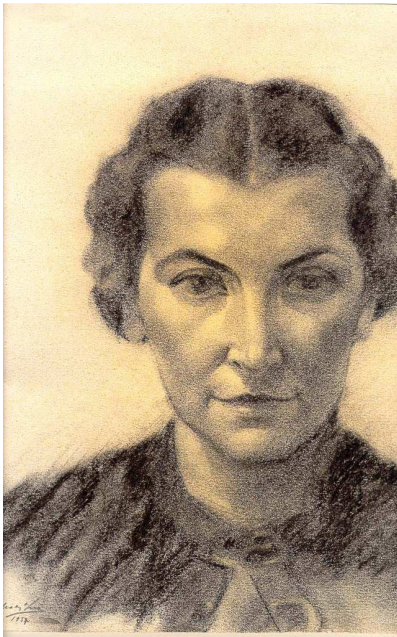
Apertos de mão quentes. Ternura de calafrio. « Adeus! Adeus! »

E, pouco a pouco, devagarinho, sem sofrimento, numa lassidão de arrancar raízes... (primeiro, os olhos... em seguida, os lábios... depois, os cabelos...) a carne em vez de apodrecer começaria a transfigurar-se em fumo... tão leve... tão subtil... tão pólen... como aquela nuvem, além, (vêem?) – nesta tarde de outono ainda tocada por um vento de lábios azuis . . .

In Vértice, vol. X, nº 86, Outubro, 1950

MACHADO DA LUZ

Retrato de Manuela Porto



1937. Desenho a carvão sobre papel .
Doado em 1986 por Maria José Machado da Luz ao Museu do Teatro

A Manuela Porto

I

Como búzio que ecoa
rumores do mar distante,
nossa saudade guarda
a tua voz ausente.

Na névoa da miragem
que as lágrimas estremece,
velado como em sonhos
teu rosto transparece.

E teus olhos, Senhora,
estrelas que a alva esfria,
cintilam indecisos
entre a noite e o dia.

Como quem escuta um búzio
— na muda madrugada
nossa saudade escuta
tua voz apagada.

II

Imóvel e deslumbrada
mágico sonho sonhava.
Longínqua, feita de nada,
a erguida presença alada
no ar lavado flutuava.

Absorto, vogando os passos,
seu olhar claro e profundo
vinha, por ocultos traços,
através de altos terraços,
debruçar-se sobre o mundo.

Com gestos lentos abria
aérea graça gentil.
Voz onde a vida fluía
na alteada melodia
da nitidez do perfil.

Ora quando despertava
das harmonias extremas,
se o mundo a interrogava,
a cabeça reclinava,
e respondia:
Sei poemas.

In Árvore nº 2, Inverno 51/52

MANUEL MENDES

Manuela Porto a todos pedia que lhe escrevessem uma peçazinha para o seu grupo dramático. A simpatia e o respeito que sempre nos mereceram o trabalho devotado e o amor que Manuela Porto dedicava à obra cultural que é o teatro de amadores, levou-nos a tentar uma pequena comédia, ou farça, num prólogo e um acto, intitulada O PÓ DAS CASAS. Estava combinado que entraria no reportório da próxima temporada. As tarefas a que obriga a camaradagem são alegres de cumprir. No entanto,

quando Manuela Porto morreu, apenas tínhamos escrito o prólogo que agora se publica em sua lembrança. Será um dia a peçazinha concluída? Talvez. E de certeza, quando um dos seus companheiros de trabalho puder continuar a obra de cultura popular que Manuela Porto abandonou, tão tristemente, ao deixar-nos. Bem preciso é.

Lisboa, 14 de Agosto de 1950.

O PÓ DAS CASAS

Comédia de costumes

PERSONAGENS

JÚLIO, 33 anos. Tipo comum, com certo sentimento poético da vida. Talvez jornalista ou empregado bancário, talvez advogado com pouca clientela. Veste com dignidade e fala articulando muito bem as palavras, sem no entanto se mostrar pretensioso.

ADÉLIA, 30 anos muito bem conservados. Esposa de Júlio, tipo acabado da mulher doméstica, cujos horizontes se confinam no acanhado espaço que vai da porta principal à porta da escada de serviço do seu quarto andar. Tem umas luzes de piano e de francês. Defeitos de educação – todos. Fantasia – nenhuma.

MARIANA, 20 anos, criada do casal. Espécie de escravazinha mansa e obediente, que passa silenciosa e resignada como uma sombra. Nas mãos da patroa é um instrumento caseiro, pouco menos que a vassoura ou o pau de bater bifés.

A acção passa-se em Lisboa, no dito quarto andar, e numa praia dos arredores. Actualidade.

PRÓLOGO

JÚLIO e ADÉLIA

Luzes apagadas na sala e no proscénio. Batem espaçadamente as pancadas de Molière – que Deus tenha em sua santa guarda. Silêncio. Instantes depois, ao longe, ouvem-se as vozes de Júlio e de Adélia em alteração. De início, é uma algazarra em que não se distinguem as palavras, mas que desde logo se percebe ser uma discussão a dois – a habitual disputa entre marido e mulher. À medida, porém, que as luzes da ribalta se vão acendendo uma a uma, as vozes tornam-se gradualmente claras. A de Adélia é aguda e impertinente, a de Júlio forte, pausada, sem por isso deixar de ter um vivo assento de indignação.

A VOZ DE ADÉLIA – Não, não! Mil vezes não!

A VOZ DE JÚLIO – Mas ao menos explica-te mulher! Que queres?

A VOZ DE ADÉLIA – Que quero?... Essa é muito boa! Outra compreensão e um bocadinho mais de respeito, se pode ser, pelos meus sacrifícios.

A VOZ DE JÚLIO – Mas tu não percebes que a paciência tem limites?!... Depois, eu também conto, eu também existo!

A VOZ DE ADÉLIA, *mais chorosa que indignada* – Se uma pessoa adivinhasse quando casa!...

A VOZ DE JÚLIO – Já cá faltava essa! E a outra, não me dizes a outra?

(Imitando a voz de Adélia.)

Se a minha mãezinha fosse viva não me tratavas tu assim!...

A VOZ DE ADÉLIA, *num ralho espevitado* – Fica sabendo que não te admiro brincadeiras de mau gosto com a memória da mamã! Não te admito, ouviste?!... Ingrato! Homem sem coração!

(De súbito, Júlio sai por entre as cortinas, num estado manifesto de impaciência e arrelia, batendo nervosamente com o pé no chão e de mãos enfiadas nos bolsos do roupão. Resfolega e abana a cabeça. Não reparou no público. Tem gestos de irritação desesperada e murmura palavras incompreensíveis. Dir-se-ia que rosna. De repente, porém, ao olhar para a sala, surpreende-se e embaraçado faz uma vénia tímida e cerimoniosa.)

JÚLIO – Oh! Mil perdões! Se adivinhássemos que estavam aí!... São tão desagradáveis estas cenas de família. Mas que querem?! O geniozinho da Adélia, aqueles despropósitos... Perco a cabeça! E V. Ex.^{as} aí!...

A VOZ DE ADÉLIA – E não pára de sarrazinar! Que homem!...

JÚLIO, *encolhendo os ombros com resignação* – É terrível! Nem imaginam!...

ADÉLIA, *em tom provocador, metendo a cabeça pela cortina* – Anda, diz, diz o que tens a dizer! Eu não te tenho medo!

JÚLIO, *apontando para o público* – Não sei se já reparaste que estão aqui estes senhores.

ADÉLIA, *dando com a assistência* – Oh!

(Entra a medo e cumprimenta com visível embaraço, baixando a cabeça.)

JÚLIO – Vês! Tinha alguma precisão disto?... Que vergonha!...

ADÉLIA, *espevitada* – Perdão. Não fui eu que comecei!

JÚLIO – Que desplante! Com que então não foste tu que começaste?

(Para o público.)

É sempre ela que me provoca. Querem V.Ex.^{as} saber como as coisas se passaram?

ADÉLIA – Lá isso não! Quem explica sou eu.

(Vai a dirigir-se para o público, mas entaramela-se-lhe a voz, acanha-se e não se atreve.)

JÚLIO, rindo – O costume Vão ver que não diz palavra.

ADÉLIA – Faça o favor de se calar! Imaginem... Sim... Eu... Perdão, ele... É sempre elee que começa, que implica comigo... Hoje... Ainda há bocado... A discussão principiou...

JÚLIO, *de braços abertos, põe-se a falar ainda antes de Adélia pronunciar as últimas palavras* – A sós comigo, é uma fera, uma víbora. Nem sonham! Fala às rajadas como uma metralhadora e tem argumentos de fazer dores de ouvidos. Agora na presença de alguém que possa ajuizar da razão, do direito, perde logo o pio. Conheço-a como a s minhas mãos. Olhem: calou-se.

ADÉLIA, *furiosa* – Mal educado!

JÚLIO – Não é de educação que se trata. Vamos lá a saber: explicas ou não explicas a estes senhores o que se passou?

ADÉLIA, *num repente de eloquências que acaba em lágrimas* – Ingrato, ingrato é que tu és! Nunca soubeste apreciar os sacrifícios, a dedicação, o zelo que ponho nos meus deveres de dona de casa. Merecias ter casado com uma desleixada qualquer, dessas que para aí andam. Eu tive outra educação! Talentos para concertista, jeito para piano, e sacrifiquei tudo, tudo!

(Como Júlio sorri.)

Ouviste-o dizer muitas vezes ao primo Felismino, que era chefe da banda da Guarda Fiscal...

(Chora)

Monstro! Homem perverso!

JÚLIO, *suspirando* – Lá vêm as lágrimas! As lágrimas, o derradeiro, o irreversível argumento!... Com as mulheres não há razão que valha.

ADÉLIA – A verdade é que nunca me mereceste. Se eu tivesse adivinhado!...

JÚLIO – Mas estes senhores querem saber do que se trata. Não vieram aqui para outra coisa, co'os diabos!

(Pausa)

Bem, posso ou não posso fazer uso da palavra?

(Adélia não responde.)

Prometes que não me interrompes, que me deixas falar à vontade? Juras pela alma da tu mãe?

(Adélia senta-se na caixa do ponto e rompe num pranto desabalado. Júlio aguarda ainda um momento.)

Bem, nesse caso, eu explico a V. Ex.^{as}

(Fundo suspiro)

Adélia, a noiva adorada, a mulher a quem tudo sacrifiquei, não vive para mim, não sabe sequer que existo. Ignora-me, porque o seu único amor, a sua verdadeira razão de ser, é o pó, o malvado pó das casas. A minha existência, senhores, é um martírio, uma

sufocação, sempre envolto numa nuvem cinzenta de poeira. Se soubessem o pó que eu tenho tragado!... Graças a Deus que não sofro de asma, nem de qualquer outra espécie de alegria, porque nesse caso, com certeza, já não pertencia ao número dos vivos. É um horror! Esta mulher, empunhando três instrumentos de tortura – a vassoura, o espanador, e o pano de pó – tem feito da minha existência um suplício e do nosso lar um pedaço do inferno. É com mágoa que o digo, senhores. Casei por amor, casei porque me enamorei daqueles olhos verdes que agora se derretem em lágrimas, e do sorriso doce – ah tão doce! – daqueles lábios de romã dos quais nunca mais ouvi senão os ralhos e improperios. Um despropósito!

(Exalta-se, comove-se e fala como se Adélia não estivesse presente.)

Vá lá a gente acreditar em sorrisos, vá lá um homem tentar-se com a sedução de uns olhos! E que sonhos pus neste amor, meu Deus! Inocente acreditei que nascera fadado para a alegria e para a ventura. Durante o namoro, era a derreter-me em baba que lhe ouvia as palavras, as romanzas, os minuets, que ela tocava ao piano.

(Com amargura e desprezo)

Plim, plim!... Plim, plim!... O amor cega a gente! No dia do casamento, louco de paixão, peguei nela ao colo e subi de um vôo os oito lances de escada deste quarto andar. Setenta e oito degraus! Que ditoso que eu era!... Quereis saber? Dir-se-ia que levava nos braços a leveza de uma pluma, um sonho, uma quimera! Apenas vinte e quatro horas fui feliz. Nem tanto! Na manhã seguinte começaria o martírio. O sonho, a quimera, a pluma leve que eu carregava nos braços, o que mais estremecia na vida, de chinelos, lenço atado à cabeça, avental de quadradinhos, cavalgava uma grande vassoura de cabo. Parecia uma bruxa!...

(Leva as mãos ao rosto, horrorizado ainda com aquela visão.)

Uma bruxa!...

Desde então a existência tornou-se para mim um tormento inenarrável. Em casa, na minha própria casa, da qual impreterivelmente pago a renda até ao dia oito de cada mês, não sou senhor de dar um passo. Sinto-me um ser tolhido de medos, apavorado. A cada instante um grito agudo faz-me ficar de pé no ar como a cegonha. – “Júlio não vás para aí, que já está varrido!” – “Júlio, olha que me pisas o lixo!” E o pobre de mim nem sabe onde por os pés. Se abro uma porta: – “Para aí não, que acabei de encerar” Se quero um pouco de ar, de luz: – “Eu a sacudir as moscas e ele a abrir-me as janelas!” Uma seca! A estante dos livros, as gavetas da secretária, os jornais e os papéis, sim que eu também tenho direito aos meus papéis, não sou senhor de lhes tocar: – “Oh Júlio, não desarrumes as coisas!”. O meu drama é este, senhores! Não tenho um cantinho de meu, um refúgio, um lugar de sossego, eu que idealizei um lar, um interior calmo, confortável.

(Com desespero)

Olhem que chega a ser grotesco! Se nem na casa de banho, de manhã, com a porta fechada à chave, consigo estar à minha vontade! E de manhã eu sou difícil, preciso de tempo e de sossego... A um pingo de água chama uma lagariça, um chiqueiro. Às vezes dá-me rodas de porco, de desmazelado. Sou ou não sou digno de piedade?!... Mas o pó, o pó meu deus! Aquele pozinho inocente, familiar, que mal há-de fazer à gente?! No lar dos outros cobre as coisas de uma patine imperceptível, aveludada ao tacto, doce ao olhar, e chega uma espanadela de oito em oito dias. Em minha casa não tem tanto sossego: do chão para os móveis, dos móveis para o chão ou para o pano, não pára, anda numa dobadura. Ora o pó, naquela dose própria, o *quantum satis*, é até indispensável à saúde. Quem há aí que não goste de o ver brincar nas réstias de sol que entram pelas frinças das janelas?!... Mas a Adélia, não senhor, diz que não. A vassoura levanta-o do sobrado em nuvens grossas, o espanador sacode-o dos móveis e dos *biblots* e depois o

pano puxa-lhes o devido lustro. Um dia iluminou-se-me a mente, tive uma ideia que julguei feliz, e com o sorriso mais gentil do mundo trouxe-lhe uma lembrança – um aspirador. Que chacota fez de mim! O que ela riu! Aquilo no seu entender, não é máquina que preste. Uma carpete quer-se espancada à janela depois da meia noite, um chão varrido à vassourada, um reposteiro escovado, um móvel limpo a poder de muito pano, e a estatueta da nossa casa de jantar, a linda Samaritana que de bilha ao ombro vem da fonte e sorri – e, aqui entre nós, é o único sorriso que lá em casa parece mostrar alguma compreensão e piedade por mim –, a essas sacudidelas desesperadas de espanador de manhã e à noite. Hoje, o aspirador, é mais um objecto a que a Adélia gostosamente limpa o pó. A vida assim é ou não é triste?!... Estou saturado, estou até aos cabelos! Há horas em que me falta de todo a paciência. Que querem? Não posso mais!... Se até em sonhos vejo vassouras que me perseguem, que impiedosamente varrem o pó mundo em que não sou mais que um grãozinho fraco, impotente... Acordo aos urros!

ADÉLIA, *erguendo-se num esticção nervoso* – É inconcebível, inacreditável!...

JÚLIO – A verdade, apenas, minha querida! Digo-o com o coração nas mãos: Um tormento, um martírio!... Vivo como escorraçado, na minha própria casa. Adélia não casou comigo.

(*Apontando para a mulher com piedade e amargura*)

Adélia, a esposa do pó!...

ADÉLIA – Mas este homem delira! Vejam o meu viver!...

JÚLIO – A verdade pura e simples.

ADÉLIA – A fantasia de um louco!

JÚLIO, *num protesto* – De um louco?!...

ADÉLIA – Varrido!

JÚLIO – À vassoura, bem sei!... Mas V. Ex.^{as} vão presenciar como as coisas se passam. (*Com decisão.*) Um fim-de-semana na nossa casinha de praia. Eis um exemplo perfeito e edificante. Irão ver o bonito! Foi um dia d festa. Fazíamos oito anos de casados, oito anos de ventura, oito anos em que tenho vivido numa perpétua nuvem de pó, a ouvir a vassoura raspar no sobrado, a pôr os pés no chão com tantos cuidados e cautelas como se pusesse o nariz...

ADÉLIA, *irritada* – Mas isto é revoltante! Como te atreves a pôr assim a nossa vida a nu, a nossa intimidade?!

JÚLIO – Conto apenas o martírio da minha interminável desventura.

ADÉLIA – Mas eu é que não estou disposta a colaborar em comédias.

JÚLIO – Adélia, minha filha, permite-me que te lembre que estás a ser descortês com estes senhores. É o aniversário do nosso ditoso enlace! Lembras-te?

(*Irónico*)

Fazia oito vezes trezentos e sessenta e cinco dias que para mim a felicidade começou...
(*Adélia vai a protestar. Júlio segura-a com firmeza por um braço. Voltam as costas ao público. Param. Depois, como autómatos, cada um deita a mão a um pano da cortina e correm-na.*)

FIM DO PRÓLOGO

In Vértice, vol. X, nº 86, Outubro, 1950

MÁRIO DIONÍSIO

a Manuela Porto

móvel move-se o imóvel
na quieta quietude inquieta
um fio de canto molha o musgo
no claustro das raízes profundas

por aqui por ali empalidece
a sinalização dos hábitos
as trepadeiras dizem dê-me as suas ordens
uma outra vida espreita no planeta

O Riso Dissonante
Centro Bibliográfico, Lisboa, 1950